



EducAção Digital

Simples e Objetiva

A Escravidão Indígena e a Escravidão Africana

A escravidão indígena foi a primeira tentativa da Coroa portuguesa de explorar a mão de obra no Brasil. Os portugueses encontraram inúmeras dificuldades em capturar indígenas para esse fim. Além destes conhecerem muito bem o território, os padres jesuítas tornaram-se empecilhos para a escravidão, porque defendiam os índios para serem catequizados.

A Coroa só autorizava a escravidão indígena por meio da guerra justa. Com a vinda dos negros africanos para o trabalho escravo, e tendo-se em vista a lucratividade do tráfico negreiro, a escravidão indígena foi sendo deixada de lado.



O modo de vida dos índios não se adaptou ao trabalho escravo exigido pelos portugueses nos primeiros anos de colonização brasileira.

- Contexto histórico da escravidão indígena

Quando os portugueses desembarcaram no Brasil em 1500, buscou-se o primeiro contato com os nativos para conhecer-se melhor a região e suas riquezas.

O primeiro ciclo econômico da colônia foi o pau-brasil. Os índios retiravam as árvores das florestas próximas ao litoral e colocavam-nas nas caravelas portuguesas em troca de espelhos e bugigangas que não tinham valor comercial para os portugueses, mas chamavam a atenção dos nativos. Essa troca chamava-se escambo.

Enquanto Portugal lucrava com o comércio de especiarias das Índias, as novas terras na América serviam de entreposto, de parada das navegações vindas de Portugal para, em seguida, continuarem a viagem em direção às Índias. Enquanto isso, o comércio do pau-brasil era mantido.

A crise do comércio de especiarias e a ameaça de invasão por parte de piratas ingleses e franceses fizeram com que Portugal investisse definitivamente na posse e na exploração do Brasil. Ao contrário dos espanhóis, que encontraram ouro nos primeiros anos de colonização da América, os portugueses não tiveram a mesma sorte. O comércio do pau-brasil gerava algum lucro, mas não o suficiente para a Coroa portuguesa. Os colonizadores tentaram aproximar-se dos índios, para que estes se tornassem seus aliados e, logo depois, escravizados. Os índios colaboraram com os portugueses na expulsão de estrangeiros que tentaram invadir o Brasil.

No mesmo período que a Coroa portuguesa decidiu investir na exploração do Brasil, a Companhia de Jesus também participou dessa empreitada e enviou diversos padres para catequizar os habitantes das regiões distantes da Europa. No século XVI, a Igreja sofria os reveses da Reforma Protestante, e a criação da Companhia de Jesus foi uma das respostas ao avanço protestante na América. Os padres jesuítas tiveram papel importante na cristianização dos colonos e na catequização dos índios. O Padre José de Anchieta aprendeu a língua tupi-guarani e foi o primeiro a fazer um dicionário sobre ela. Ele se utilizava de poesias e apresentações teatrais para evangelizar os índios.

- Causas da escravidão indígena

As causas da escravidão indígena estão ligadas principalmente ao propósito dos portugueses em colonizar o Brasil. Ao contrário do que houve na América do Norte, os colonizadores portugueses não deixaram seus reinos para morar aqui. Eles vinham apenas para explorar as riquezas do Brasil. A única mão de obra disponível era a indígena, no entanto, o trabalho escravo e em grande escala não era comum para os índios.

Os colonizadores utilizaram-se de ameaças, da força física e da propagação de doenças para forçar os índios a trabalharem para a Coroa. Várias tribos foram dizimadas por conta do conflito com os portugueses ao recusarem o trabalho escravo. Muitos índios fugiram para o interior do Brasil, evitando ser escravizados. O fracasso da escravidão indígena fez com que os portugueses optassem pela escravidão negra oriunda da África.

- Escravidão entre os indígenas

A escravidão entre os índios acontecia logo após uma tribo vencer a outra em um combate. Os derrotados eram transformados em mão de obra escrava, mas o trabalho exigido não se comparava com o que os portugueses esperavam que os índios fizessem.

A escravidão entre os índios era o trabalho na tribo. Além disso, havia tribos canibais que comiam a carne dos adversários, pois acreditavam que, dessa forma, teriam as mesmas qualidades daqueles que morreram no combate. Por exemplo, se um inimigo capturado era um bom corredor, suas pernas eram comidas para que a velocidade delas fosse agregada a quem as comesse.

- Igreja e a escravidão indígena

Os primeiros anos da colonização efetiva do Brasil, a partir de 1530, expuseram conflitos entre a Igreja e os colonos portugueses. Os colonos queriam escravizar os índios para trabalharem nas plantações de cana-de-açúcar, enquanto os religiosos aproximaram-se deles para catequizá-los. Os índios eram vistos como seres inferiores, que necessitavam da conversão ao catolicismo para que suas almas não fossem condenadas. Por isso, as práticas religiosas realizadas pelas tribos antes da chegada dos portugueses foram abolidas pelos padres jesuítas.

Percebendo que os colonos não cessariam de persegui-los até conseguirem capturá-los para o trabalho nas lavouras de açúcar, os padres jesuítas fugiram com os índios para o interior do Brasil, principalmente para as terras mais ao sul e ao norte da colônia. Surgiam assim as missões jesuítas, que protegiam os índios da perseguição dos portugueses e nas quais eram ensinados a doutrina católica e o preparo da terra para a plantação dos alimentos a serem consumidos nelas.

Esse avanço jesuíta foi o primeiro movimento de interiorização do Brasil. Os jesuítas alcançaram o norte da colônia, principalmente a região próxima da Floresta Amazônica. Essas expedições religiosas ao norte descobriram as drogas do sertão, produtos oriundos da floresta.



Padre José de Anchieta trabalhou na catequização dos índios e produziu o primeiro dicionário da língua tupi-guarani.

- Coroa e a escravidão indígena

Para evitar o conflito entre os colonos e os jesuítas, a Coroa portuguesa determinou a guerra justa — os portugueses só poderiam escravizar os índios que tivessem entrado em conflito com os colonos, um confronto gratuito, sem provocação dos portugueses.

- Abolição da escravidão indígena

A Coroa portuguesa teve mais prejuízo do que benefício com a escravidão indígena. A fuga para regiões mais distantes, a indisponibilidade para o trabalho intensivo exigido pela Coroa e a presença jesuíta na defesa dos índios fizeram com que os portugueses repensassem formas de mão de obra para a lavoura de cana-de-açúcar. A escravidão africana mostrou-se lucrativa e mais vantajosa do que a indígena.

- Escravidão indígena X escravidão africana

O negro africano veio trabalhar como escravo no Brasil para atender aos anseios da Coroa de iniciar-se rapidamente a produção açucareira de forma intensiva. Com o trabalho escravo vindo da África sendo vantajoso financeiramente e atraente para os senhores de engenho do Nordeste, o tráfico negreiro intensificou-se para essa região, e, dessa forma, a escravidão indígena foi sendo substituída pela mão de obra negra.

- Origens da escravidão africana

Os historiadores apontam várias causas para se empregar a mão de obra escrava nas colônias.

Portugal tinha uma população pequena, de cerca de dois milhões de pessoas, e não tinha condições de dispensar parte de seus habitantes para sua colônia americana. Para suprir os braços que faltavam, os colonizadores usaram a escravidão, que já era praticada na África e no mundo árabe.

O transporte de pessoas escravizadas fomentou a produção de mais embarcações, alimentos, vestuário, armas, e outros produtos que estavam ligados ao comércio de gente. Por isso, o tráfico negreiro representou um ótimo negócio para a Europa e movimentava grandes capitais nos três continentes.

Desta maneira, portugueses, espanhóis, franceses, holandeses e ingleses tornaram a escravidão um negócio lucrativo. Superlotaram os porões de seus navios com negros africanos (navios negreiros) para serem vendidos nos portos brasileiros e em toda América.

Já as pessoas escravizadas não ganhavam nada, ao contrário, só perdiam, pois passavam a ser propriedade de outra pessoa. Este contingente produziu toda riqueza no Brasil: desde o plantio da cana-de-açúcar, colheita, transformação do caldo de cana, construção de casas, engenhos, igrejas, tudo isso era feito por cativos.

- Tipos de escravidão no Brasil

No caso dos portugueses, os negros africanos eram trazidos de suas colônias na África para serem utilizados principalmente na agricultura e na mineração. Desempenhavam também vários serviços domésticos e/ou urbanos.

Nas cidades haviam os chamados “escravos de ganho”, utilizados em tarefas do ramo comercial ou de serviços. Normalmente, eles vendiam produtos manufaturados, quitutes, carregavam água ou auxiliavam na administração de pequenos comércios.

- As condições da escravidão

As condições de escravidão no Brasil eram as piores possíveis e a vida útil de uma pessoa escravizada adulta não passava de 10 anos.

Após sua captura na África, os seres humanos escravizados enfrentavam a perigosa travessia da África para o Brasil nos porões dos navios negreiros, onde muitos morriam antes de chegar ao destino.

Após vendidos, passavam a trabalhar de sol a sol, recebendo uma alimentação de péssima qualidade, vestindo trapos e habitando as senzalas. Normalmente, tratava-se de locais escuros, úmidos e com pouca higiene, adaptado apenas para evitar fugas.

Errar não era permitido e poderia ser punível com castigos dolorosos. Eram proibidos de professar sua fé ou de realizar suas festas e rituais, tendo que fazer isso às escondidas. Afinal, a maioria das pessoas escravizadas vinham da África já batizadas e era suposto que abraçassem a religião católica. Daí surge o sincretismo que verificamos no Candomblé praticado no Brasil.

As mulheres negras eram exploradas sexualmente e usadas como mão-de-obra para trabalhos domésticos, como cozinheiras, arrumadeiras, etc. Não era incomum que as mulheres escravizadas recorressem ao aborto para impedir que seus filhos não tivessem a mesma sorte.

Quando fugiam, os capitães do mato perseguiam as pessoas escravizadas. A obtenção da liberdade só era possível quando escapavam para quilombos ou quando conseguiam comprar a carta de alforria.



Acima vemos a Moagem de Cana Fazenda Cachoeira, Benedito Calixto de Jesus. Campinas, 1830. Museu Paulista da USP

- Escravidão e formas de resistência

As revoltas nas fazendas não eram raras no período colonial. Muitos grupos de escravos fugiam e formavam comunidades fortificadas e escondidas na mata chamadas "quilombos" e uma dos mais significativos, no Brasil colonial, foi o "Quilombo dos Palmares". Ali, podiam praticar sua cultura e exercer seus rituais religiosos.

No entanto, vários escravizados que não conseguiam escapar, preferiam suicidar que continuar cativos.

- Abolição da escravatura

Quando a sociedade europeia começou a adotar as ideias do liberalismo e do Iluminismo, a escravidão passou a ser severamente questionada. Afinal, a privação de liberdade não combinava com a nova etapa do capitalismo industrial.

Igualmente, quando a Inglaterra aboliu a escravidão nas suas colônias, substituiu por trabalhadores assalariados. Por esta razão, a produção agrícola ali seria mais cara e as colônias inglesas não poderiam concorrer com os baixos preços praticados pelos portugueses.

Assim, era necessário transformar a mão-de-obra escravizada em trabalhadores assalariados. Isto iria igualar os preços da produção e no futuro, os ex-escravos poderiam se tornar consumidores.

Por isso, a Inglaterra, que liderava a nova expansão capitalista-industrial, aprovou a "*Lei Bill Aberdeen*". Esta transformou a Marinha Real Britânica numa arma contra o tráfico de escravos em qualquer parte do mundo, pois permitiu que seus navios abordassem navios negreiros de qualquer nacionalidade. Importar pessoas para serem escravizadas acabou se tornando cada vez mais caro.

No Brasil, o tráfico foi oficialmente abolido em 1850, com a "*Lei Eusébio de Queirós*". Mais adiante, em 1871, a "*Lei do Ventre Livre*" garantiu a liberdade aos filhos de escravos; e, em 1879, teve início a campanha abolicionista liderada por intelectuais e políticos.

Posteriormente, a "Lei dos Sexagenários" (1885) garantia a liberdade aos escravos maiores de 60 anos.

- Lei Áurea

A abolição da escravidão no país foi concedida pela Lei Áurea, aprovada pelo Senado e assinada pela princesa Isabel, dia 13 de maio de 1888.

A Lei Áurea encerrava décadas de discussão em torno de várias questões. Porém, a mais importante era: se os escravos fossem libertados, o governo pagaria indenização aos proprietários? Por fim, venceu a tese de que os donos de escravos não receberiam nenhuma compensação financeira.

Isso retira o apoio dos latifundiários escravistas davam à monarquia. Quando surge o golpe republicano, os grandes proprietários de terra sustentam o novo regime.

Libertos sem qualquer plano, os ex-cativos se viram entregues à própria sorte e passaram a formar um enorme contingente de pessoas sem qualificação.